

## REFLETINDO SOBRE A ESCOLHA LIVRE<sup>1</sup>

ROBERTA PIRES DE OLIVEIRA  
UFSC/CNPQ

**RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão sobre a semântica e a pragmática de itens de livre escolha, a partir de uma análise mais detalhada de ‘qualquer’. Defende-se que esse item não é um quantificador, mas que ele opera sobre o domínio da quantificação, ampliando-o maximamente e impondo a existência de alternativas. Há itens de livre escolha que são quantificadores, como ‘tudo quanto é’. Pragmaticamente, esses podem veicular tanto apreciações positivas quanto negativas.

**Palavras-Chaves:** quantificação; escolha livre; semântica; pragmática.

**ABSTRACT:** The paper reflects upon the semantics and pragmatics of the so called free choice items, taking as case the analysis of ‘qualquer’ in Brazilian Portuguese. It is argued that ‘qualquer’ is not a quantifier, but that it operates upon the domain of quantification, amplifying it maximally and imposing the restriction of alternatives. There are free choice items that are quantifiers, like ‘tudo quanto é’. Pragmatically, these items may convey positive and negative appreciations.

**Keywords:** quantification; free choice; semantics; pragmatics.

As línguas naturais não apenas expressam quantidades – ou relações entre conjuntos, para falar na linguagem dos quantificadores generalizados –, mas o fazem “modalizando” a quantificação, o que nem sempre é fácil de captar num sistema formal, mesmo recorrendo a implicaturas pragmáticas e a sistemas mais poderosos, como a semântica de mundos possíveis. Assim, embora todas as sentenças abaixo expressem universalidade, elas não o fazem da mesma maneira; não veiculam, portanto, exatamente o mesmo conteúdo:

- (1) a. Todo homem é mortal.  
b. Todos os homens são mortais.  
c. Tudo quanto é homem é mortal.  
d. Qualquer homem é mortal.  
e. O homem é mortal.

O mesmo ocorre com a quantificação existencial:

---

<sup>1</sup> Agradeço aos inúmeros comentários feitos pelos pareceristas anônimos. Sem dúvida alguma, eles ajudaram a tornar esse texto mais claro. Os erros são evidentemente de minha própria responsabilidade.

- (2) a. Vi um menino.  
b. Vi algum menino.  
c. Vi um menino qualquer.

Explicitar cada uma dessas diferenças é uma investigação de microscópio que requer várias decisões, entre elas distinguir o que é semântico e, portanto, impossível de ser cancelado, daquilo que é do domínio pragmático, uma inferência passível de suspensão<sup>2</sup>. Este artigo busca explicar a contribuição semântica de ‘qualquer’, independente de sua posição no sintagma nominal, através da recuperação do conceito de escolha livre como hoje descrito na literatura – minha tradução para “free choice”, termo que, salvo engano, foi cunhado por Ladusaw (1997 (em referência à tese de 1979)). Vendler (1967), no entanto, foi o primeiro a observar que ‘any’ tem um significado especial, a que ele chamou de liberdade de escolha, que o distingue de outros universais, como ‘all’, ‘each’ e ‘every’. Ele argumenta que um falante, ao proferir (3), afirma que, não importa quem seja selecionado, o falante pode enfrentá-lo fisicamente:

- (3) I can beat any of you.

A literatura sobre a escolha livre é vasta e se concentrou inicialmente nas restrições de ocorrências de ‘any’, talvez sob a influência da pesquisa sobre itens de polaridade, para então se deslocar para a semântica e, mais recentemente (Chierchia, 2006), para a interface entre a sintaxe e a pragmática. Não é possível lidar com todas essas questões neste artigo. O objetivo é entender a escolha livre a partir da análise de ‘qualquer’, aplicando-a tanto quando ele aparece numa posição de determinante no sintagma, ‘qualquer N’, quanto na posição “adjetival” em ‘um N qualquer’. Mostraremos ainda que há, no português brasileiro, como nas mais diferentes línguas<sup>3</sup>, várias expressões de livre escolha. Na primeira seção, separamos a escolha livre da quantificação. Na segunda seção, apresentamos a nossa hipótese para a semântica do ‘qualquer’: ele induz à formação de conjuntos de alternativas, como na denotação das perguntas, tomadas do domínio mais amplo, por causa da modalidade (no sentido formal do termo, quantificação sobre mundos possíveis). Como ocorre na denotação das perguntas com ‘qual’, as alternativas estão em disjunção conjuntiva.<sup>4</sup> A terceira seção lida com os efeitos pragmáticos disparados pelo uso de uma expressão de escolha livre, como valorações, numa escala, de dado indivíduo de certo domínio. Esses efeitos vão do desdém à idolatria. A interação de ‘qualquer’ com a negação é o tópico da quarta seção. Na quinta seção, estendemos a análise para o sintagma ‘um N qualquer’. Finalmente, mostramos, a título de conclusão, que há outras expressões de escolha livre.

---

<sup>2</sup> Ilari (2000) entende dessa maneira a distinção semântica e pragmática; também Pires de Oliveira & Basso (2007) a entendem assim.

<sup>3</sup> Jayez & Tovena (2005) pesquisam os diferentes itens de escolha livre no francês, Giannakidou (2001) no grego.

<sup>4</sup> Essa abordagem tem influência direta da proposta de Kratzer & Shimoyama (2002), que, basendo-se em Hamblin (1973), analisam os indefinidos como as perguntas, como indutores de conjuntos de alternativas fechados por um quantificador sentencial.

## 1. QUALQUER: NÃO TEM FORÇA QUANTIFICACIONAL

Talvez pelo fato de a pesquisa sobre a escolha livre ter se iniciado com a tentativa de diferenciar o ‘any’ de outros universais – e não, por exemplo, pelo seu uso existencial como um item de polaridade negativa –, houve uma tendência de associá-la à quantificação universal. De fato, há um laço forte entre o sintagma ‘qualquer N’, em particular na posição de sujeito, e a expressão de universalidade. Esse laço pode ser verificado pela dificuldade de combinar esse sintagma com predicados episódicos, como atesta o estranhamento de:

(4) # Qualquer aluno colou na prova.

O fato de que itens de escolha livre não ocorrem com o passado foi apontado por vários pesquisadores como uma restrição semântica. Giannakidou (1997, 2001), por exemplo, afirma, incorretamente, como atesta o PB, que itens de escolha livre só ocorrem em contextos de não-veridicidade, o que excluiria a sua combinação com o passado, certamente um ambiente de veridicidade. No entanto, é possível restaurar uma interpretação para a sentença, através de procedimentos de restrição de domínio: ‘Qualquer aluno da sala de semântica colou na prova’ é uma sentença melhor. Há ainda falantes que aceitam (4) imediatamente, porque supõem restrições contextuais do domínio de alunos. Esse é o fenômeno conhecido como “subtriggering” (Legrand, *apud* Dayal (1998)), que ocorre não apenas com ‘any’, mas também com ‘todo’, no PB, e com ‘all’, em inglês.<sup>5</sup>

Além disso, há casos em que o sintagma combinado com predicados episódicos não produz estranhamento, como exemplificado abaixo. Note-se que, nesses exemplos, a interpretação é episódica e existencial. Como veremos, sentenças como essas são importantes para separarmos a escolha livre da quantificação:

(5) João teve qualquer problema (e por isso vai chegar atrasado para a reunião)

(6) Carlos passou por aqui qualquer dia desses (e deixou um recado)

Outro aspecto importante para mantermos separada a quantificação universal da escolha livre é o fato de que a substituição de ‘qualquer’ por um sintagma com quantificador universal como ‘todos os N’ produz sentenças com condições de verdade diferentes:

(7) João sai com qualquer mulher.

(8) João sai com todas as mulheres.

Se comparamos as sentenças acima, notamos que, para que (8) seja verdadeira, é preciso que João saia efetivamente com todas as mulheres. Suponhamos que temos 3 mulheres, Joana, Maria e Carla. Para (8) ser verdadeira, ele precisa sair com cada uma delas.

---

<sup>5</sup> O fenômeno é ainda mais claro com ‘todo’. A sentença (ii) é muito melhor que (i):

(i) \*Todo aluno colou na prova.

(ii) Todo aluno que não tinha estudado colou na prova.

Sem dúvida, esse fenômeno, em si, merece um estudo.

O mesmo não vale para (7). Para que (7) seja verdadeira é preciso que ele não escolha com qual mulher ele vai sair. Ele sai com não importa qual mulher, mas não precisa sair com todas. Fundamentalmente para que (7) seja verdadeira, ele não precisa exaurir o domínio, basta que sua escolha seja aleatória.<sup>6</sup>

A ideia de que, com um item de escolha livre, a verificação é não-exaustiva já está em Vendler, que entende que a diferença entre ‘any’ e ‘all’ pode ser apreendida através do método de verificação. Na quantificação universal presente em ‘every’ e ‘all’, diz o autor, verifica-se exaustivamente todos os elementos do conjunto; só é possível dizermos que é verdade que todos os homens são mortais se verificarmos um a um, ao passo que para o ‘any’, no caso limite, basta uma única rodada de verificação, desde que ela seja cega, para que à sentença possa ser atribuído um valor de verdade. Em outros termos, se eu sortear aleatoriamente um homem e esse um verifica a proposição, o valor de verdade já pode ser estabelecido. O que importa é o método ser cego. Nesse sentido, nos diz Vendler, a verificação de ‘any’ não é exaustiva, enquanto que para ‘all’ ela precisa ser.

É preciso, pois, desvincular a quantificação da escolha livre. O exemplo abaixo mostra mais uma vez o sintagma ‘qualquer N’ com interpretação “existencial”:

(9) A gente se encontra qualquer dia desses.

(9) não veicula que iremos nos encontrar todos os dias, mas que haverá um dia, tomado ao acaso, em que o encontro irá ocorrer. É verdade que em (9) temos um caso de futuro que pode ser interpretado como um modal e sabemos que itens de escolha livre se combinam muito bem com modais. Mas, o mesmo ocorre em (10) abaixo:

(10) A gente se encontrou qualquer dia desses (e o João me disse...).

## 2. ‘QUALQUER’ É UM “ALEATORIZADOR”: MAS O QUE SIGNIFICA ISSO?

Uma rápida busca no Google nos mostra que ‘qualquer N’ ocorre em várias posições, principalmente em sintagmas preposicionados. Essas diferentes ocorrências se unem por

---

<sup>6</sup> Um dos parecerista sugere que a distinção nem sempre é clara. Por exemplo, em posição de sujeito como em:

(i) Todas as mulheres gostam de ser tratadas bem.

(ii) Qualquer mulher gosta de ser tratada bem.

O mesmo ocorreria em posição de objeto de sentenças como:

(iii) João bebe todas as cervejas.

(iv) João bebe qualquer cerveja.

A existência de contextos de contraste claro, como é o caso das sentenças em (7) e (8), mostra que as condições de verdade não são as mesmas em qualquer dos casos apresentados, já que partimos da suposição de que a semântica desses sintagmas deve ser a mesma, independentemente de sua ocorrência. A explicação para as diferenças entre as sentenças de (i) a (iv) demanda um novo artigo que verse sobre a semântica da expressão ‘todo det N’, mas a direção é a seguinte: sentenças com ‘qualquer’ são modais no sentido de que mobilizam alternativas de mundo, ao passo que a presença do artigo definido impõe restrições contextuais estranhas ao ‘qualquer’.

veicular “aleatoriedade”. Ratificando o que já dissemos, em alguns contextos simplesmente não é possível substituir ‘qualquer N’ por uma quantificação universal, como em (11) e (12), e em outros essa substituição é inadequada porque produz condições de verdade ligeiramente distintas, como em (13) e (14):

- (11) Abraçadas uma a outra, como crianças cochichando *qualquer* coisa.
- (12) Justiça a qualquer preço.
- (13) e o direito que uma MULHER de 9 anos (ou de *qualquer* outra idade) tem de abortar
- (14) “comparar qualquer número da economia de hoje com o início de 2008 vai mostrar piora substancial;” (Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 11/03/2009)

Em (11) as crianças não cochicham todas as coisas, apenas algumas sem importância, uma implicatura que veremos adiante. A justiça não custa todos os preços, mas ela deve ser procurada independente do preço. Em (13), uma mulher não tem todas as idades, mas o direito ao aborto não depende da idade da mulher. Finalmente, para comprovamos (14) precisamos apenas sortear um número da economia de hoje e verificar se houve uma piora (de 2008 para cá); no caso da substituição por ‘todo’, o requerimento é de que seja verificado cada um dos números da economia atual.

Independentemente do contexto em que ‘qualquer N’ aparece, a substituição que é sempre possível é pela expressão ‘não importa qual’, que indica explicitamente a escolha livre. Experimente substituir. Qual é então a semântica de ‘qualquer’?

Nossa análise sugere que seria possível decompor ‘qualquer’ em dois elementos responsáveis por sua semântica: um pronome interrogativo ‘qual’, que fornece as alternativas (daí a ligação com a semântica das interrogativas de Hamblin (1973)), e um verbo modal ‘quer’. Um argumento sustentando essa hipótese é o fato de que o plural ocorre no pronome: ‘quaisquer’.<sup>7</sup> O pronome relativo funciona da mesma maneira que em outras sentenças: ele denota um conjunto de alternativas em disjunção inclusiva.<sup>8</sup> Um sintagma com ‘qualquer’ pressupõe que há mais de uma alternativa, como aliás é o caso de ‘qual’ que exige a presença de pelo menos duas alternativas. Não se pergunta com ‘qual’ se há apenas um objeto em discussão. Tampouco ‘qualquer’ pode ser usado nesse caso, como pode ser atestado pelo estranhamento de:

- (15) # João comprou qualquer coisa pra comer: macarrão.

Quando afirmamos que João sai com qualquer mulher, estamos dizendo que as alternativas que constituem o domínio definido pelo predicado ‘mulher’ estão em disjunção: ele sai com Joana ou ele sai com Maria ou ele sai com Carla. Como se trata de uma disjunção inclusiva, pode bem ser que ele saia com todas, mas essa não é uma necessidade. Combina-

---

<sup>7</sup> Como notou corretamente um dos pareceristas, essa é uma hipótese que precisa ser demonstrada e de fato não é imprescindível para a semântica desse item. Ela deve, pois, ser lida como uma sugestão de estudo.

<sup>8</sup> Essa análise difere substancialmente da proposta de Aloni (2002) para quem as alternativas estão em disjunção exclusiva.

da (a disjunção inclusiva) com predicados genéricos, a interpretação de exclusão de alternativas, gerada em alguns contextos, provavelmente via implicatura escalar, também presente nos usos correntes de ‘ou’, não é deflagrada. Em contextos em que a exclusão é necessária por razões pragmáticas, a leitura inclusiva é bloqueada. Assim, em (5), ‘João teve qualquer problema (e por isso chegou atrasado)’, entendemos que ele teve um problema que causou o seu atraso, porque há um fechamento existencial, mas há alternativas de problema, o que irá gerar uma implicatura de que o falante não sabe qual é o problema que João tem.

A exigência de alternativas bloqueia o uso de ‘qualquer’ se há a identificação de um indivíduo em particular, como é o caso em (15). Mesmo que a sentença expresse que há um indivíduo, sua identidade é desconhecida (ou apresentada como tal) porque há alternativas. Jayez & Tovená (2005) tomam a não-individualização como o traço essencial dos itens de escolha livre. No nosso entendimento, a não-individualização é decorrência da exigência de que haja alternativas, trazida pelo pronome relativo.

Essas alternativas devem constituir o domínio máximo, isto é, não é possível excluir do domínio nenhuma alternativa. Suponha mais uma vez que temos três mulheres, ao usar ‘qualquer N’ temos necessariamente que considerar o domínio máximo de alternativas. Autores como Kratzer & Shimoyama (2002) e Chierchia (2006), na esteira dos pioneiros Kadmon & Landman (1993), entendem que a contribuição semântica atrelada à escolha livre é precisamente a ampliação maximal do domínio, o que implica em considerar também os casos não-normais. Nesse caso, para a checagem, o domínio máximo deve estar disponível, incluindo os casos excepcionais, o que explica o estranhamento de (17):

- (16) Qualquer coruja caça, mesmo as doentes.  
(17) ?? Qualquer coruja caça, a não ser as doentes.

Um exemplo famoso é o das batatas na geladeira. Se ‘qualquer batata serve para fazer esse suflê’, então ele pode ser feito mesmo com aquelas batatas que já estão murchas e criando raízes. Considerar casos excepcionais é ampliar o domínio para além dos mundos normais, afinal nesses mundos ninguém faz suflê com batata criando raízes e corujas doentes não caçam. Nesse ponto entra o componente modal associado aos itens de livre escolha, disparado por ‘quer’. No nosso entendimento, ‘qualquer’ toma como domínio da quantificação, universal ou existencial, mundos alternativos incluindo aqueles que não estão tão próximos ao mundo real.

Nesse sentido, a escolha livre difere da generalização porque essa última aceita exceção, ao passo que aquela não permite excluir nada (ela é anti-exaustiva):

- (18) Homem chora, menos o Pedro.  
(19) # Qualquer homem chora, menos o Pedro.

O estranhamento de (19) vem do fato de que ‘qualquer’ não admite exceções. O operador genérico, presente na interpretação de (18), restringe os mundos aqueles próximos à normalidade, deixando espaço para a anormalidade. Já ‘qualquer’ amplia a base modal para mundos não normais, ele inclui a anormalidade, suspendendo as exceções.

Mas domínio máximo não explica os contrastes como sentenças com ‘todo’ que também indica maximalidade:<sup>9</sup>

- (20) Pegue qualquer carta do baralho.  
 (21) Pegue todas as cartas do baralho.

Para explicar essa diferença é preciso ter a noção de aleatoriedade, que é dada pelo fato de que as alternativas estão em disjunção em (20), enquanto elas estão em conjunção em (21): o pedido em (21) é para que se pegue cada uma das cartas (a carta a e a carta b e...) ao passo que em (20), pede-se para que se escolha aleatoriamente (a carta a ou a carta b)... No final, todas as alternativas são escolhidas, mas isso não necessariamente ocorre no mundo real. Numa situação limite, o ouvinte pode, a partir de (20), pegar todas as cartas do baralho, mas ele está com isso, de certa forma, rompendo com uma máxima pragmática, já que, ao utilizar ‘qualquer’, o falante solicita que a verificação seja aleatória (exaurir o conjunto é deixar de ser aleatório).

Formalizar é uma maneira de sintetizar uma proposta de descrição teórica. Estamos propondo a seguinte descrição para a semântica de ‘qualquer’. Em (22) está a contribuição modal e a pressuposição de mais de uma alternativa. Em (23), a contribuição de ‘qual’:

- (22)  $\forall x \in D^+ \exists w \in W. Px \text{ em } w$   
 $D^+$  é o domínio máximo  
 $W$  é a base modal, os mundos que estão acessíveis (Kratzer 1981)  
 Pressuposição:  $D^+$  não é um conjunto unitário

- (23)  $\{Px \text{ em } w \text{ ou } Py \text{ em } w' \ \& \ x \ ? \ y\}$

A denotação de ‘qual’ gera um conjunto de alternativas que vai ter um fechamento “sentencial” universal ou existencial:

- (24) a.  $\exists p p \in \{Px \text{ em } w \text{ ou } Py \text{ em } w'\}$   
 b.  $\forall p p \in \{Px \text{ em } w \text{ ou } Py \text{ em } w'\}$

Note que (24b) não acarreta que todas as proposições vão ser verdadeiras no mesmo mundo, embora isso possa ocorrer.

Mas veja que a sentença em (25) coloca um problema para a descrição proposta, porque ela deveria ser boa, mas ela é estranha. Esse estranhamento desaparece em (26), porque o domínio está explicitamente dado. Na nossa análise (25) pode ter duas interpretações: há um fechamento universal e então temos que a Maria leu todos os livros do domínio máximo, o que é obviamente falso. A leitura universal é a mais proeminente para (26). O bloqueio em (25) seria então pragmático.

- (25) ?? A Maria leu qualquer livro.

<sup>9</sup> Ver Quadro Gomes (2009)

(26) A Maria leu qualquer livro que estava na lista de leitura.

Esperamos ainda que possa haver leituras existenciais dos dois exemplos e acreditamos que esse é de fato o caso. A leitura existencial é mais difícil por razões de natureza pragmática, compare com (27):

(27) A Maria pegou qualquer livro e saiu.

A leitura existencial parece também estar presente em (26), indicando que ela leu aleatoriamente, mas não todos.

A interpretação existencial é mais proeminente quando temos nomes genéricos como ‘coisa’ e ‘um’:

(28) Comi qualquer coisa antes de vir pra cá.

(29) Ontem à noite li qualquer coisa e dormi.

Imaginamos com (28) que o falante não tenha comido todas as alternativas de coisas, mas antes que ele comeu uma coisa tomada aleatoriamente (veja também o efeito “minimizador”, o falante não comeu algo substancioso; voltaremos a esse efeito na seção sobre implicaturas); o mesmo vale para a sentença em (29).

### 3. ‘QUALQUER N’E SUAS IMPLICATURAS

Um falante, ao veicular que há alternativas disjuntas num contexto episódico perfectivo, como em (5), expressa que João teve um problema, mas que há alternativas de problema, problema a ou problema b; dessa forma, ele implica seu desconhecimento sobre qual problema exatamente ocorreu. O falante implica que desconhece a “identidade” do referente. Por isso, o estranhamento da sequência discursiva abaixo, ausente no uso do indefinido ‘um’, compatível com situações em que não há alternativas em que a identidade do referente é conhecida:

(30) # João teve qualquer problema, ficou sem gasolina.

(31) João teve um problema, ficou sem gasolina.

A existência de alternativas cria uma implicatura de desconhecimento similar à produzida pelo ‘ou’. Quando dizemos ‘a ou b’ implicamos que não sabemos se é um ou outro. Se o falante soubesse o problema que João tem, mantendo-se fiel à máxima da quantidade, ele deveria explicitar esse problema. Ao utilizar um item que traz alternativas, o falante implica seu desconhecimento. Que se trata de uma implicatura pode ser visto por seu cancelamento em contextos como: suponha que o falante comprou um presente para o ouvinte e ele diz para seu ouvinte:

(32) Tem qualquer coisinha aqui pra você...

Além da implicatura de desconhecimento, é frequente uma implicatura “minimizadora”, como já vimos exemplificada acima, em (28) e (29), ou uma de desprezo:

(33) Acordei tarde, vesti qualquer roupa e sai em disparada.

Ao usar (33), o falante implica que ele não escolheu a roupa com a qual ele saiu; ele não foi criterioso. Se é verdade que é esse precisamente o efeito da escolha livre – ela ser cega e, portanto não-criteriosa –, temos também a ideia de que se trata de uma roupa sem importância. O falante não pegou por acaso um terno. Esse efeito minimizante é uma implicatura, porque é possível cancelá-lo:

(34) Peguei qualquer roupa para sair e só depois vi que era um Chanel original.

Mas como explicá-lo? O falante afirma que a sua escolha é cega; por que ele escolheria cegamente sua roupa? Porque ela tem pouca importância.

Uma outra dimensão comumente associada ao ‘qualquer’ é uma avaliação, positiva ou negativa, do falante, que é decorrência de raciocínios pragmáticos. Considere:

(35) Qualquer pesquisador entende essa questão.

Do ponto de vista semântico, a sentença expressa que, considerando o domínio máximo de pesquisadores, pode-se escolher cegamente porque, independentemente da escolha, mesmo que, por acaso, tome-se o pesquisador menos preparado, o resultado será o mesmo: ele entende a questão. Se o falante optou por explicitar que a escolha do pesquisador toma o domínio máximo e é livre, é porque ele quer implicar que não há restrições para se entender o problema. Não há restrições ao pesquisador porque a questão é entendida independentemente do critério usado para optar por um pesquisador. Logo, ela deve ser uma questão extremamente simples, tão simples que qualquer pesquisador a entende. O raciocínio depende do fato de que ampliamos o domínio para incluir até mesmo aqueles que são marginalmente pesquisadores. Que se trata de uma implicatura pode ser demonstrado pelo fato de que é possível cancelá-la.

(36) Qualquer matemático sofre para entender essa questão.

Dado o que sabemos sobre matemáticos, e dada a presença do verbo ‘sofrer’, somos levados a entender que se trata de uma questão muito difícil. Já que se estamos no domínio máximo, ele inclui até aqueles que receberam a Medalha Fields. Se todos se comportam da mesma forma, se todos sofrem para entender a questão, é porque ela é difícil.

#### 4. ANEGAÇÃO E ‘QUALQUERN’

A negação com ‘qualquer’ coloca questões intrigantes. O que primeiro salta aos olhos, quando pensamos sobre a relação entre ‘qualquer N’ e a negação, é o fato de que ela torna naturais sentenças com ‘qualquer’ e predicado episódico:

(37) Ontem, não encontrei qualquer aluno.

Talvez por isso Ilari (1984) tenha sugerido que ‘qualquer’ é um item de polaridade negativa. Mas esse não pode ser o caso, porque ‘qualquer N’ ocorre em contextos positivos e que são de acarretamento crescente<sup>10</sup>, como em:

(38) Todo aluno leu qualquer livro da lista.

Se ‘qualquer N’ fosse uma expressão de polaridade negativa, deveríamos esperar que a sentença em (38) fosse agramatical, como ocorre em (39) abaixo:

(39) \* Todo aluno leu sequer um livro da lista.

A negação torna aceitável o uso de ‘qualquer N’ em contextos episódicos, porque com ela o domínio está maximizado e a escolha pode ser aleatória, já que não importa qual seja a entidade escolhida.

A combinação da negação com ‘qualquer N’ na posição de objeto produz sistematicamente sentenças ambíguas, o que sugere que ‘qualquer’ é algum tipo de operador. Retornemos à sentença em (37): ‘Ontem, não encontrei qualquer aluno.’ Ela dispara duas interpretações, cada qual acompanhada por uma curva entonacional bem particular, que carece de um estudo mais detalhado: (i) o falante encontrou um aluno, um aluno que de alguma forma se destaca; (ii) o falante não encontrou aluno algum.<sup>11</sup>

Se retomamos nossa descrição da semântica de ‘qualquer’ em (22) e (23), obtemos as duas interpretações. Se as alternativas estão em disjunção -  $(p \vee q)$  -, a negação incide sobre os disjuntos:  $(\sim p \vee \sim q)$ <sup>12</sup>. Suponha que temos três alunos: João, Pedro e Paulo. Para todas as alternativas existe um mundo em que eu não encontrei essa alternativa. Teremos: não encontrei João em  $w$  ou não encontrei Pedro  $w'$  ou não encontrei Paulo em  $w''$ . Note que nesse caso é possível que o falante não tenha encontrado nenhum aluno quanto que ele tenha encontrado um ou mais dos alunos, já que o que está em disjunção é a negação. Mas esse caso só ocorre se há um bloqueio pragmático, porque se trata de uma disjunção inclusiva. A sentença só será falsa se o falante encontrou todos os alunos.

<sup>10</sup> O tópico polaridade negativa já é bastante explorado. Uma propriedade que se costuma associar a eles é o fato de que eles exigem estar em contextos de acarretamento decrescente (limitado, Heim (1987)).

<sup>11</sup> Inicialmente, acreditávamos que a interpretação preferencial de (37) era (i), mas uma busca via google mostrou que não é esse o caso. Ao contrário, a interpretação em (i) parece ser sempre dada explicitamente: Não é qualquer aluno que eu encontrei ontem. Casos em que a negação não incide diretamente sobre o ‘qualquer’ tem leitura preferencial como (ii). Eis alguns exemplos:

(a) Ada não queria viver no Rio ou qualquer outra cidade grande. Conversamos muito mas não chegamos a qualquer decisão.

(b) Fieser diz “não temer qualquer tipo de investigação”.

(c) “A denúncia que fazia referência ao Banco Insular ao lado do BPN (Banco Português de Negócios) não explicava qualquer relacionamento. Era uma denúncia muito simples, que tinha duas ou três linhas” afirmou o responsável à Comissão de Inquérito ao caso BPN e supervisão.

<sup>12</sup> Façamos a derivação lógica:  $(\sim p \vee \sim q)$  é verdadeira se  $\sim p$  é verdadeira ou se  $\sim q$  é verdadeira ou ambas. Ela só é falsa se tanto  $\sim p$  quanto  $\sim q$  forem falsas, ou seja se  $p$  e  $q$  forem verdadeiras.

Assim como na afirmativa, ‘qualquer’ dispara diferentes implicaturas, o mesmo ocorre com a negação de ‘qualquer’. Em particular há uma implicatura de avaliação do falante:

(40) Eu não como qualquer carne.

Na interpretação em que o falante veicula que ele come carne, ele implica que a sua escolha não é aleatória: algumas ele come, outras não. Assim, ele é “opinativo”, ou seja, as alternativas não são mais igualmente válidas. Exatamente o oposto do que vimos na afirmativa, em que o falante desconsidera as diferenças, nivelando as alternativas. Se ele é opinativo, sua escolha é balizada e as alternativas estão ordenadas. Essa ordenação é dada contextualmente. Se a conversa for sobre cortes de carne de vaca, o falante implica que ele come apenas alguns tipos, aqueles mais nobres. Se estamos falando sobre carnes mais saudáveis, elas são ordenadas por esse critério e as carnes brancas aparecem como a melhor alternativa.

Mas, mais uma vez, é possível cancelar a ordenação:

(41) Não como qualquer carne, apenas carne branca.

Nesse caso, o falante apenas exclui certas alternativas, sem ordená-las.

Outra indicação de que a avaliação é pragmática, uma implicatura, é o fato de que ela pode ser positiva ou depreciativa a depender do contexto:

(42) Não é qualquer aluno que faz um trabalho desses.

Na sentença acima, veicula-se que um aluno fez o trabalho, mas não é possível escolhê-lo aleatoriamente. O falante negou um item de escolha livre porque ele quer veicular que ele tem uma opinião sobre as alternativas, que elas estão em algum tipo de ordenamento e com isso ele pode também expressar a sua avaliação. Se sabemos que o trabalho está acima da média, então vamos entender que as alternativas que estão sendo negadas são as que tomam os alunos da média para baixo, ou seja, só os alunos mais aptos poderiam ter feito esse trabalho. Veja que partimos do dado de que o trabalho está acima da média. Podemos, no entanto, selecionar da média para baixo. Suponha que o trabalho esteja muito ruim, nesse caso, a seqüência discursiva para (42) seria: ‘só os muito vagabundos’. Se sabemos que o trabalho está ruim, então as alternativas que estão sendo negadas referem-se àqueles que fariam bem o trabalho. Logo, esse trabalho só poderia ser feito por alunos incompetentes.

## 5. ‘UMNQUALQUER’

Nossa hipótese é de que ‘qualquer’ dá a mesma contribuição semântica, explícita em (22) e (23), quando ele está numa posição adjetival. As diferenças se devem ao fato de que há um quantificador explícito ‘um’, que parece não ser um indefinido, mas expressar uma cardinalidade, já que podemos ter ‘dois N quaisquer’. Se é assim, então não é possível nem termos uma leitura universal, nem existencial, o que parece ser o caso:

(43) ?? Um homem qualquer é mortal.

O estranhamento de (43) parece ser decorrência de que semanticamente veicula-se que há uma entidade atômica que é homem, embora não seja possível identificá-la, que é mortal, impedindo a interpretação universal exigida pelo predicado ‘ser mortal’.<sup>13</sup> O estranhamento desaparece na sentença abaixo, porque é possível atribuir um predicado genérico a apenas um indivíduo:

(44) Um aluno qualquer cola na prova.<sup>14</sup>

Note que (44) não tem fechamento existencial, porque não significa pelo menos um, mas um único. O falante veicula que há um aluno que cola e há alternativas para a identidade desse aluno, implicando que não sabe quem é esse aluno, sua identidade. A presença do cardinal ‘um’ explica o estranhamento de (45), em contraste com (46):

(45) \* Gosto de um cachorro qualquer.

(46) Gosto de qualquer cachorro.

A delimitação do número impõe que se trata de um cachorro, mas não parece possível identificar que há um cachorro de que se gosta sem se saber a identidade dele. Como em (46) os indivíduos estão em disjunção inclusiva e estamos num contexto “genérico” (predicado de indivíduo), a leitura é universal: não importa qual seja o cachorro, o falante gosta dele.

Na posição de objeto em sentenças episódicas, há uma implicatura conversacional generalizada de “rebaixamento” (facilmente interpretada como desprezo ou indiferença):

(47) Ontem eu comprei um livro qualquer.

O falante implica que não se trata de um livro muito importante, precisamente porque ele não escolheu o livro, tomando-o aleatoriamente, ou que a identidade do livro lhe é indiferente. Mas de novo essa é uma implicatura. Semanticamente veicula-se que havia alternativas e não houve escolha:

(48) Peguei um livro qualquer e sai. Só em casa, vi que era uma obra raríssima.

A interação com a negação é curiosa. A única possibilidade é negar a aleatoriedade:

(49) Não comprei um livro qualquer.

---

<sup>13</sup> ‘Um homem, qualquer um, é mortal’ é boa porque agora ‘um’ é independente e ‘qualquer um’ explicita a aleatoriedade.

<sup>14</sup> Preferencialmente a expressão ocorre com predicados episódicos, ‘um aluno qualquer está colando na prova’, o que mais uma vez aponta para uma especialização de uso e parece ligado ao fato de que a cardinalidade implica na existência, o que nos empurra para o episódico.

Em (49), o falante comprou um livro que ele escolheu. Como o falante exerceu uma escolha, ele implica que se trata de um livro que merece destaque, um livro especial. Mas novamente parece que essa é uma implicatura, passível de cancelamento:

(50) Não comprei um livro qualquer, comprei um livro horroroso.

A não existência da negação universal, não houve um livro que o falante comprou, pode talvez ser explicada pela existência de ‘sequer’, que parece ser o “dual” de ‘qualquer’.

Apenas a expressão ‘um N qualquer’ ocorre em posição predicativa:

(51) João é um escritor qualquer.

(52) Carro hoje é um produto qualquer.

Em (52) não há interpretação depreciativa, fortemente veiculada por (51). Assim, o julgamento depreciativo é uma implicatura. Como chegamos à avaliação depreciativa de que João é um escritor ruim (abaixo da média)? Primeiramente, ‘um escritor qualquer’ está na posição predicativa. Como se trata de um predicativo, estamos indicando pertença a um conjunto. O que parece ocorrer, nesse caso, é que a adição de ‘qualquer’ impõe que o domínio seja considerado maximamente, incluindo casos que não seriam normalmente incluídos. Ora se o falante pode simplesmente dizer ‘João é um escritor’ para expressar que João é escritor, por que ele disse mais do que precisaria? Por que ele disse explicitamente que é preciso considerar o conjunto máximo, incluindo casos marginais, para afirmar que João é um escritor? Porque é só nessa condição que podemos considerá-lo escritor. Logo, João é um escritor apenas se considerarmos as “margens” do ser escritor, seus casos mais marginais, porque é aí que ele se situa. O que implica que ele não deve ser um bom escritor.

Ilari (conversa pública), durante o simpósio em que a primeira versão deste texto foi apresentada, afirmou que o tratamento que eu estava propondo alterava a intensão do predicado ‘ser escritor’ e sugeriu que uma alternativa melhor é um tratamento via protótipo. Já houve tentativas de lidar com sentenças genéricas utilizando a teoria de protótipos (Krifka *et al.* (1995)). A crítica que se faz a esse tipo de teoria é a existência de relações de escopo que indicam que estamos lidando com operadores. De qualquer forma, seria preciso investigar uma análise prototípica.

Como sabemos, a intensão de um predicado é a função que atribui para cada mundo o conjunto de indivíduos que têm a propriedade de ‘ser escritor’. O truque da intensão é torná-la uma “super” extensão, o que nos desobriga de explicitar quais são exatamente as propriedades que definem um escritor. Na proposta de Kratzer (1981) para a modalidade, os mundos são ordenados segundo parâmetros dados contextualmente. Como já dissemos, semanticamente o operador genérico faz uma afirmação sobre os indivíduos que estão mais próximos dos mundos normais. A escolha livre faz exatamente o oposto, ela inclui a anormalidade. Alguém que escreve receitas de bolo não é ordinariamente considerado um escritor, não faz parte da extensão desse predicado nesses mundos: os mundos normais. A instrução de ‘qualquer’ exige que ampliemos a base modal, incluindo mundos não normais. Nesses mundos, a extensão do predicado ‘ser escritor’ inclui também aqueles que redigem receitas. Ao usar ‘qualquer’ na posição predicativa, o falante informa que é necessário considerar mundos não normais e isso dispara implicaturas.

Considere a negação:

(53) Ele não é um escritor qualquer.

Na negação, o falante nega que para considerarmos que ele seja um escritor tenhamos que considerar o conjunto máximo, incluindo as margens. Ao contrário, ele informa que ele é um escritor mesmo que não consideremos os casos marginais. O falante veicula explicitamente que o predicado é restrito, que ele é escritor num domínio restrito, o que irá desencadear implicaturas.

Ao operarmos com o domínio, ampliando-o ou restringindo-o, reproduzimos, em certo sentido, a ideia do protótipo. Ao ampliarmos o domínio, considerando mundos marginais, nos afastamos do que consideramos ser o membro prototípico; ao restringirmos os mundos, nos aproximamos do protótipo.

## 6. CONCLUSÃO: OUTRAS EXPRESSÕES DE ESCOLHA LIVRE

Em ‘um N qualquer’ o ‘um’ contribui com a quantificação, o mesmo parece ocorrer com ‘tudo’, um universal, em ‘tudo que/quanto é N’:

(54) Tudo que/quanto é homem é mortal.

(55) Tudo que/quanto é aluno colou na prova.

(56) “Marisa Monte lê tudo quanto é porcaria”.

(57) “Meu amigo já tomou tudo quanto é remédio”.

Acreditamos que a mesma análise que propusemos para o ‘qualquer’ possa se aplicar a essa expressão. A única diferença é que a força quantificacional está fixada pelo ‘tudo’.

A diferença com ‘todos os N’ parece se explicar pela presença do artigo definido que indica que há um conjunto único e saliente no contexto de remédios:

(58) Meu amigo já tomou todos os remédios.

Em (58), o falante veicula que sabe quais são os remédios que o amigo tomou e que a verificação foi exaustiva: para cada remédio é o caso que o amigo tomou aquele remédio. Já em (57), o falante desconhece quais são os remédios, porque o domínio está ampliado maximamente, versando inclusive sobre remédios “virtuais”. Novamente, não é preciso que o amigo tenha tomado todos os remédios para a sentença ser verdadeira; é preciso que o amigo tome cegamente remédios.

A interação com a negação mais uma vez mostra ambiguidade e dispara diferentes implicaturas; em (59), veicula-se Marisa Monte lê alguns livros ou que ela não lê nenhum livro, a depender da curva entoacional com que a sentença é proferida:

(59) Marisa Monte não lê tudo quanto é livro.

Há ainda outras maneiras de expressar a escolha livre, em particular: ‘tanto faz’ (‘tantufas’) e ‘não importa qual/que’. Eis um exemplo:

(60) “Tantufas sejam os militares, o Cretináceo ou o Dirceu. De uma maneira ou de outra, a gente sempre paga a conta.”

A literatura (von Fintel 2000) também entende que as relativas livres, como exemplificada abaixo, expressam escolha livre:

(61) O que quer que o João esteja cozinhando tem muito alho.

Uma diferença importante é que agora temos uma expressão de escolha livre que é definida. Ou seja, ser ou não definido parece também ser independente da expressão da escolha livre. Mas esse é um tópico a ser explorado.

A hipótese que gostaríamos de ver avaliada é que todas essas expressões têm a mesma semântica apresentada para ‘qualquer’, o que as distingue é a presença de quantificadores explícitos, como o artigo definido em (61). Mas esse é apenas um dos tópicos que ainda precisam ser investigados.

Qualquer ajuda é bem-vinda!

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONI, Maria. (2002). Free choice in modal contexts. In *Proceedings of Sinn und Bedeutung 7*, ed. M. Weisgerber, 25-37.
- CHIERCHIA, Gennaro. (2006). Broaden your views: Implicatures of domain widening and the “logicality” of language. *Linguistic Inquiry* 37:535-590.
- DAYAL, Veneeta. (1998). Any as inherently modal. *Linguistics and Philosophy* 21:353-422.
- VON FINTEL, Kai. (2000). Whatever. In *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory*, volume 10.
- GIANNAKIDOU, Anastasia. (1997). *The landscape of polarity items*. Doctoral Dissertation, University of Groningen, The Netherlands.
- \_\_\_\_\_. (2001). The meaning of free choice. *Linguistics and Philosophy* 24:659-735.
- HASPELMATH, Martin. (1997). *Indefinite pronouns*. Oxford: Oxford University Press.
- HEIM, I. (1982). *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Phd Dissertation, Amherst: UMass.
- \_\_\_\_\_. (1987). Notes on negative polarity and downward entailingness. In: Jones, C. & Sells, P. eds. *Proceedings of NELS*, 14. Amherst: GLSA, 98-107.
- ILARI, Rodolfo. (1984). Locuções Negativas Polares: Reflexões sobre um tema de todo mundo. In: *Lingüística: Questões e Controvérsias*. Série estudos 10. Fac. Integrada de Uberaba. 83-97.
- \_\_\_\_\_. (2000). Semântica e Pragmática: Duas formas de descrever e explicar os fenômenos da signficção. *Revista de Estudos Lingüísticos*, vol. 9 n. 1: 109-162.

PIRES DE OLIVEIRA — Refletindo sobre a escolha livre

---

- JAYEZ, Jacques, and Lucia TOVENA. (2005). Free choiceness and non-individuation. *Linguistics and Philosophy* 28:1-71.
- KADMON, Nirit, and Fred LANDMAN. (1993). Any. *Linguistics and Philosophy* 4:353-422.
- KRATZER, Angelika, and Junko SHIMOYAMA. (2002). Indeterminate pronouns: The view from Japanese. In *The Proceedings of the Third Tokyo Conference on Psycholinguistics*, 1-25.
- KRATZER, Angelika. (1981). The notional category of modality. In: Eikmeyer, H-J.; Rieser, H. (eds). *Word, worlds, and contexts: new approaches to word semantics*. Berlin: W. de Gruyter. p. 38-74.
- \_\_\_\_\_. Modality. (1991). In: von Stechow, A.; Wunderlich, D. (eds).. *Semantics: an international handbook of contemporary research*. Berlin; New York: W. de Gruyter. p. 639-50.
- KRIFKA, Manfred, Francis J. PELLETIER, Gregory N. CARLSON, Alice ter MEULEN, Gennaro CHIERCHIA, G. LINK (1995). Genericity: an introduction. In: Carlson, Gregory N. and Pelletier Francis J. (eds) 1995. *The generic book*. Chicago: The University of Chicago Press, 1-124.
- LADUSAW, A. William. (1997). Negation and polarity items. In *The handbook of contemporary semantic theory*, ed. S. Lappin, 321-341. Blackwell Publisher.
- LIMA DA SILVA, Lúcia. (2007). *A distinção entre os indefinidos 'um' e 'algum' no português brasileiro*. Dissertação de mestrado não publicada. USP.
- PIRES DE OLIVEIRA, Roberta e Renato Miguel BASSO. (2007). A semântica, a pragmática e os seus mistérios. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, vol. 5, nº. 8, março. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/site2007/\\_pdf/8/artigos/revel\\_8\\_a\\_semantica\\_a\\_pragmatica\\_e\\_os\\_seus\\_misterios.pdf](http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/8/artigos/revel_8_a_semantica_a_pragmatica_e_os_seus_misterios.pdf).
- QUADRO GOMES, Ana Paula. (2009). *O efeito grau máximo nos domínios*. Tese de Doutorado não publicada. USP.
- VENDLER, Zeno. (1967). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.